

TRIBUNA Livre

4
JANEIRO
1964

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: António Narciso Gonçalves Macedo

PRÓPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO, E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SAIZAD-TELEF. 62113 - A M A R E S

A FALTA DE CARREIRAS

e a inércia da Direcção Geral dos Transportes Terrestres

Há cerca de um ano resolveu a Viação Auto-Motora, eliminar todas as carreiras que desde a Feira Nova, davam ligação a Braga por Entre-Pontes.

Tal deliberação e execução causou espanto e indignação, não só porque não foram tomados em consideração os interesses dos Povos, como também se não tomou qualquer providência para reduzir as consequências.

Assim o pensou, assim o fez, sem dar satisfações, nem à Câmara, nem aos Transportes Terrestres segundo nos consta.

O que é de estranhar no meio de tudo isto é a negligência da Direcção Geral dos Transportes Terrestres, não só não tomando as medidas urgentes que o caso requiere, como ainda e principalmente admitindo que uma empresa faça isto a seu belo prazer.

Sabemos que outras em-

presas querem as carreiras, mas que a burocracia da Direcção Geral não tem resolvido nada e ainda com a agravante de que apesar do que fez, a Viação Auto Motora continua a fazer imposições, e a ser ouvida, numa coisa em que perdeu todos os direitos e devia ser castigada.

Um ano é demasiado para uma coisa que deveria ser resolvida por telegrama ou telefone, a bem dos povos, vítimas dessas irregularidades, pois não sabemos que mais lhe havemos de dizer.

Os dirigentes dessa coisa deviam percorrer a pé e sentir de frio os quilómetros que o povo é obrigado a percorrer para vir à feira, às repartições, à vila, etc, etc, e então saberiam o que representa a comodidade dos povos, desprezados pelos que tinham obrigação de a defender.

A nossa Câmara tem pe-

dido a regularização de carreiras e respondendo a inúmeros ofícios sobre o assunto, chegando até a pedir a intervenção do Senhor Governador. Este Jornal tem tratado o caso várias vezes, e as queixas e reclamações são constantes.

Nada tem sido ouvido superiormente e o povo continua a sofrer, enquanto alguns nos gabinetes, com

(Continua na 3.ª página)

Um Senhor que queria a planta...

—Por Barradas de Oliveira director da ANI

Um senhor da Marinha Grande escreveu-me a propósito do comentário que fiz há tempos sobre o estilo das nossas casas. Diz ele sobre o assunto:

— Tencionava construir em breve uma casa tipo americano; mudei de ideias depois da sua crítica. Agradeço o favor de, se possível, descrever uma planta tipo português, no género da que referiu, e que julgo ser igual à da

casa que V. Ex.ª com toda a certeza habita.

O senhor não disse o nome—e isso deixa-me perfeitamente à vontade para lhe dar a classificação justa. Mas não dou. O que interessa no caso, o que nos deve interessar em todos os casos, não são as pessoas, mas as ideias ou os factos que estão para além das pessoas. Já me tem acontecido não simpatizar com determinada pessoa porque tem mau feitio, ou modos que me contendem com os nervos, ou porque olha de lado, ou porque tem um riso incómodo, ou porque a mulher usa chapéus odiosos, ou porque os meados são mais malcriados do que devia ser permitido — e, no entanto, eu ter de reconhecer-lhe um pensamento certo e actos de todo o ponto dignos de aplauso. Por outro lado, há pessoas que são cheinhas de simpatia, e com as quais eu não quero nenhuma espécie de entendimentos ou negócios. Direi mais: tenho entre as pessoas que pensam como eu algumas de quem decididamente não gosto; tenho entre os meus melhores amigos, alguns que pensam de maneira

(Continua na 6.ª página)

Prisoneiro da Revolução

A Política de coexistência pacífica com o capitalismo não é incompatível com o apoio e auxílio activos aos povos oprimidos, contra as potências opressoras: deve ter caído, em determinados círculos «liberais» norte-americanos, como um duche de água fria esta afirmação de Krushev. É que, em seguida, Krushev enumerou, um a um, os povos oprimidos.

Não se referiu, evidentemente, aos povos oprimidos do Turquistão soviéticos e do Cáucaso, nem aos quirguizes, nem aos calmuques, nem aos iacutas da Sibéria; tam pouco mencionou os húngaros, os polacos, os checos, os romenos, os búlgaros e as populações da Alemanha oriental. Aludiu, porém aos nativos de Angola, de Moçambique e da «chamada Guiné portuguesa», aos nativos da República Sul-Africana e aos da Rodésia; Mas não se ficou por aí, como teriam desejado os norte-americanos; foi mais longe.

Entre os povos oprimidos, que a União Soviética não podia deixar de auxiliar contra os opressores, incluiu, também, o da Formosa, o da República Sul-Coreana e os do Sul Vietnam. Quer isto dizer que, para Krushev, os norte-americanos terão que abandonar Chang Kai-Shek, que sair da República Sul-Coreana e que entregar o

Sul do Vietnam aos comunistas, se quiserem coexistir pacificamente com o comunismo. E terão, ainda, que se resignar e ter como vizinho da Flórida um Fidel Castro cada vez mais arrogante, e que reconhecer também, sem protesto, o regime filocomunista que venha amanhã a instalar-se na Venezuela, e que permanecer igualmente de braços cruzados perante

(Continua na 3.ª página)

«Os Lusíadas»

Comentários e Estudo Crítico por Reis Brasil

Acaba de sair o 2.º tomo do Volume III da monumental e exaustiva obra do Prof. Reis Brasil, «Os Lusíadas»: Comentários e Estudo Crítico, a que a crítica responsável de Portugal e do Brasil se tem referido em termos bastante compreensivos e animadores, não regateando altos elogios à mais extensa e profunda exegese sobre o poema imortal de Luís de Camões.

A obra completa deve constar de doze volumes. Serão dez volumes para o estudo respectivo dos dez Can-

tos (um por cada Canto); os dois volumes restantes serão dedicados a exames de conjunto sobre aspectos gerais de toda a epopeia. Entre esses estudos figurará a tese com que Reis Brasil tentará provar que «a epopeia comoniana é muito superior a qualquer outra», mesmo que essa epopeia tenha como autores Homero ou Virgílio. Além destes estudos, no final da obra haverá mapas e índices gerais. Estes compreenderão índices geográficos, índices históricos, índices mitológicos, índices de construções gramaticais. Não faltará um pequeno dicionário de figuras de linguagem e figuras de retórica.

Reis Brasil apresenta, nesta obra, uma nova interpretação de «Os Lusíadas». Com ela desaparecem, definitivamente

(Continua na 5.ª página)

«MIAMI HERALD»: Na ONU o Colonialismo está a tornar-se numa Palavra que, tal como a Palavra Imperialismo, se destina apenas a ser aplicada aos Adversários

O «Miami Herald» criticou em editorial, ontem, a atitude dos delegados africanos para com os petiçãoários goeses que na semana passada tentaram, na Comissão de Curadorias, protestar contra a ocupação de Goa pela União Indiana.

«O colonialismo é uma das palavras feias do lexico internacional e contra isso não há nada a fazer» — escreve o jornal, que prossegue:

«No entanto, alguns dos novos países que experimentaram o colonialismo e que dele se viram livres parecem ter ideias diferentes sobre o que a palavra significa. Com efeito, o colonialismo está a

tornar-se numa palavra que, tal como o imperialismo, se destina apenas a ser aplicada aos adversários.

«O último exemplo dessa confusão registou-se na ONU, a semana passada. Um delegado de Goa, território português invadido pela União Indiana há dois anos, pediu à Comissão de Curadorias para ser ouvido.

«Os delegados africanos esperavam uma acusação contra o colonialismo português, mas, em vez disso, os goeses protestaram contra a anexação do seu território, pela Índia, num acto de força que

(Continua na 2.ª página)

A Redacção deste «Semanário» pede a todos os seus colaboradores que enviem as suas notícias ou artigos até à quarta-feira.

A Redacção

TRIBUNA FEMININA

Elegância e beleza Culinária

(O ROSTO)

O NARIZ

O nariz, embora não sendo «feição», pode alterar profundamente um rosto no seu conjunto de beleza. Quando a sua conformação é imperfeita, só por meio de cirurgia estética poderemos dar-lhe remédio.

A vermelhão do nariz, quando causado pelo frio, combate-se com banhos locais de cozimento de folhas de nogueira, e aplicações, ao deitar, de pomadas à base de tanino. Também dá resultado aspirar água-de-colônia.

Quando a vermelhão provém da excessiva fragilidade dos vasos capilares deve fazer-se, 2 ou 3 vezes por dia, loções como a seguinte: água de rosa, 150 grs.; água de flores de laranjeira, 150 grs.; borax, 20 grs.

Outras receitas:

—Aplicação de compressas de gaze embebidas em benzina, apertando-as bem, sem roçar, e tendo o cuidado de não respirar os vapores da benzina.

—Lavar com água quente adicionada de uma pitada de borato de soda. Durante 8 dias seguidos maçar ligeiramente à noite com:

Borato de soda, 20 grs. tintura de capsicum, 20 gotas; lanolina e vaselina, 5 grs. de cada.

—Aplicações de chá de

tília, quente.

— Compressas frias de uma solução de acetato de chumbo a 1%, renovando-as de 5 em 5 m., durante 15 minutos. À noite aplicar a seguinte mistura: óxido de zinco, talco, glicerina, 15 grs. de cada; icteol, 1 gr.; água destilada 50 grs.

Quando o nariz se apresenta oleoso e, por conseguinte, brilhante, deve-se lavar com água quente adicionada de borato de soda ou tintura de benjoim (algumas gotas) e aplicar, duas vezes na semana, éter ou álcool, em partes iguais.

AS ORELHAS

Interna e externamente, as orelhas devem ser vigiadas para que, pela pouca higiene, não venham a contrair rebeldes eczemas.

Em casos de suspeita de surdez, ou de ruídos estranhos é necessário recorrer-se imediatamente a um médico.

Quando as orelhas se apresentam muito afastadas do crânio, pode corrigir-se, em parte, esse defeito, usando durante a noite uma ligadura de tecido elástico.

MARCAS DE VARÍOLA

As cicatrizes provocadas pela varíola devem ser, como todas as cicatrizes, tratadas a tempo.

Para as prevenir conse-

lha-se a aplicação nas pústulas, de tintura de iodo, três ou quatro vezes no primeiro dia, e uma vez somente nos dias seguintes.

Também são aconselhadas as lavagens com a seguinte mistura: Sublimado, 10 grs. extracto tebaico, 10 grs. álcool, 5 grs. glicerina neutra, 60 grs.

MACHUCADOS

as que não foram absorvidos pela pele.

Nunca colocar uma segunda camada de creme sobre a primeira.

O pó-de-arroz aplica-se com uma borla de arminho ou um pouco de algodão em rama.

O excesso retira-se por meio de uma escova macia.

O sombreado das faces deve ser feito conforme as linhas do rosto, de maneira a disfarçar as imperfeições de forma.

OS OLHOS

Os papos sob os olhos podem ter por origem a fadiga, a albumina ou certas enfermidades do coração.

Se a causa é a fadiga, algumas horas de repouso, em posição horizontal, às escuras, com compressas de água fervida, fria, sobre os olhos, é o bastante para eliminar os efeitos.

No entanto, logo que aparecem os inestéticos

Salada de Batata

Coze-se uma porção de batata com casca, depois esfria-se em água e descasca-se. Corta-se em pedaços pequenos.

Cortam-se também 2 a 4 cebolas em rodela finas e levam-se ao lume com vinagre, um fio de azeite, sal e pimenta e deixam-se cozer até que as cebolas fiquem vidradas. Esfriam-se, depois vaza-se sobre os bocados de batata, mistura-se tudo muito bem e rectificam-se os temperos de sal e pimenta.

Serve-se a salada de batata com uma variedade de carnes frias, rodela de lulas fritas, sardinhas de conserva, etc.

Pastelinhos do Arroz

Coze-se o arroz em água

e sal e deixa-se arrefecer.

Em estando frio, juntam-se-lhe salsa e cebola picadas, farinha de trigo e leite e, podendo ser, um ou dois ovos. Amassa-se tudo de forma que fique uma massa como a de croquetes, boa para fritar.

Em estando nessa consistência, fritam-se às colheres. servem-se sós, com azeitonas, com qualquer salada ou hortaliça cozida.

Zécas

Dois ovos. Peso igual de açúcar, o peso de um ovo de farinha de trigo, corintos, cidrão cortado aos bocadinhos, uma colher, das de doce, de vinho do Porto, e tâmaras cortadas às tirinhas.

Bate-se o açúcar com as gemas, as claras batidas em castelo. Vão para o forno em forminhas untadas de manteiga.



S
O
B
R
E
M
E
S
A

FEMININO JORNAL
DA MULHER PARA A MULHER

MODA ACTUALIDADES

CINEMA HORÓSCOPO

CONSELHOS CULINÁRIA

REPORTAGENS

REDACÇÃO ADMINISTRAÇÃO E PUBLICIDADE
R. D. João IV, 904 TEL. 30796 * PORTO

TRIBUNA FEMININA

Elegância e beleza Culinária

(O ROSTO)

O NARIZ

O nariz, embora não sendo «feição», pode alterar profundamente um rosto no seu conjunto de beleza. Quando a sua conformação é imperfeita, só por meio de cirurgia estética poderemos dar-lhe remédio.

A vermelhão do nariz,

tília, quente.

— Compressas frias de uma solução de acetato de chumbo a 1%, renovando-as de 5 em 5 m., durante 15 minutos. À noite aplicar a seguinte mistura: óxido de zinco, talco, glicerina, 15 grs. de cada; icteol, 1 gr.; água destilada 50 grs.

Quando o nariz se apresenta oleoso e, por conse-

lha-se a aplicação nas pústulas, de tintura de iodo, três ou quatro vezes no primeiro dia, e uma vez somente nos dias seguintes.

Também são aconselhadas as lavagens com a seguinte mistura: Sublimado, 10 grs. extracto tebaico, 10 grs. álcool, 5 grs. glicerina neutra, 60 grs.

MAQUIAGEM

Salada de Batata

Coze-se uma porção de batata com casca, depois esfria-se em água e descasca-se. Corta-se em pedaços pequenos.

Cortam-se também 2 a 4 cebolas em rodela finas e levam-se ao lume com vinagre, um fio de azeite, sal e pimenta e deixam-se cozer até que as cebolas fiquem vidradas. Esfriam-se, depois vaza-se sobre os bo-

e sal e deixa-se arrefecer.

Em estando frio, juntam-se-lhe salsa e cebola picadas, farinha de trigo e leite e, podendo ser, um ou dois ovos. Amassa-se tudo de forma que fique uma massa como a de croquetes, boa para fritar.

Em estando nessa consistência, fritam-se às colheres. servem-se sós, com azeitonas, com qualquer salada ou hortaliça cozida.

por dia, loções como o seguinte: água de rosa, 150 grs.; água de flores de laranjeira, 150 grs.; borax, 20 grs.

Outras receitas:

— Aplicação de compressas de gaze embebidas em benzina, apertando-as bem, sem roçar, e tendo o cuidado de não respirar os vapores da benzina.

— Lavar com água quente adicionada de uma pitada de borato de soda. Durante 8 dias seguidos maçarjar ligeiramente à noite com:

Borato de soda, 20 grs. tintura de capsicum, 20 gotas; lanolina e vaselina, 5 grs. de cada.

— Aplicações de chá de

das para que, metido na pouca higiene, não venham a contrair rebeldes eczemas.

Em casos de suspeita de surdez, ou de ruídos estranhos é necessário recorrer-se imediatamente a um médico.

Quando as orelhas se apresentam muito afastadas do crâneo, pode corrigir-se, em parte, esse defeito, usando durante a noite uma ligadura de tecido elástico.

MARCAS DE VARÍOLA

As cicatrizes provocadas pela varíola devem ser, como todas as cicatrizes, tratadas a tempo.

Para as prevenir aconse-

com o tipo individual.

Nunca se deve colocar o «rouge» directamente sobre a pele, porque isso prejudicá-la-ia.

Depois da aplicação do creme, base da maquiagem, deve enxugar-se o rosto—sem esfregar—para assim retirar os restos do creme que não foram absorvidos pela pele.

Nunca colocar uma segunda camada de creme sobre a primeira.

O pó-de-arroz aplica-se com uma borla de arminho ou um pouco de algodão em rama.

O excesso retira-se por meio de uma escova macia.

O sombreado das faces deve ser feito conforme as linhas do rosto, de maneira a disfarçar as imperfeições de forma.

OS OLHOS

Os papos sob os olhos podem ter por origem a fadiga, a albumina ou certas enfermidades do coração.

Se a causa é a fadiga, algumas horas de repouso, em posição horizontal, às escuras, com compressas de água fervida, fria, sobre os olhos, é o bastante para eliminar os efeitos.

No entanto, logo que aparecem os inestéticos

Coze-se o arroz em água

casteio. Vão para o forno em forminhas untadas de manteiga.



S
O
B
R
E
M
E
S
A

FEMININO JORNAL
DA MULHER PARA A MULHER

MODA ACTUALIDADES

CINEMA
HORÓSCOPO

CONSELHOS CULINÁRIA

REPORTAGENS

REDACÇÃO ADMINISTRAÇÃO E PUBLICIDADE
R.D. JOÃO IV, 904
TEL. 30796 * PORTO

papos, devem-se aplicar compressas de chá de erva escovinha, e maçagens suaves com: água de rosas 15 grs. mel rosado, 10 gr.; tanino, 2 grs.

PESTANAS

Já demos uma a receita para as pestanas ralas. Vamos agora, leitora, dar-lhe algumas receitas para evitar a sua queda.

Vaselina, 20 grs. óleo de rícino, 10 grs. ácido gá-

lico, 60 grs. essência de alfazema, 2 grs. Unte as pestanas à noite.

A sua queda pode ser evitada se todas as noites lhes for aplicada a seguinte mistura: óleo de rícino, 10 grs. extracto fluído de quinino, 1 gr.

Para conservar as pestanas compridas e sedosas lave-as com um pouco de algodão embebido em água fria aromatizada com benjoim.

TRIBUNA FEMININA

Elegância e beleza Culinária

(O ROSTO)

O NARIZ

O nariz, embora não sendo «feição», pode alterar profundamente um rosto no seu conjunto de beleza. Quando a sua conformação é imperfeita, só por meio de cirurgia estética poderemos dar-lhe remédio.

A vermelhão do nariz, quando causado pelo frio, combate-se com banhos locais de cozimento de folhas de nogueira, e aplicações, ao deitar, de pomadas à base de tanino. Também dá resultado aspirar água-de-colônia.

Quando a vermelhão provém da excessiva fragilidade dos vasos capilares deve fazer-se, 2 ou 3 vezes

tília, quente.

— Compressas frias de uma solução de acetato de chumbo a 1%, renovando-as de 5 em 5 m., durante 15 minutos. À noite aplicar a seguinte mistura: óxido de zinco, talco, glicerina, 15 grs. de cada; icteol, 1 gr.; água destilada 50 grs.

Quando o nariz se apresenta oleoso e, por conseguinte, brilhante, deve-se lavar com água quente adicionada de borato de soda ou tintura de benjoim (algumas gotas) e aplicar, duas vezes na semana, éter ou álcool, em partes iguais.

AS ORELHAS

Interna e externamente, as orelhas devem ser vigia-

lha-se a aplicação nas pústulas, de tintura de iodo, três ou quatro vezes no primeiro dia, e uma vez somente nos dias seguintes.

Também são aconselhadas as lavagens com a seguinte mistura: Sublimado, 10 grs. extracto tebaico, 10 grs. álcool, 5 grs. glicerina neutra, 60 grs.

MAQUILHAGEM

A maquilhagem habilmente praticada pode atenuar a forma de um rosto excessivamente redondo ou demasiadamente longo.

O «rouge» deve harmonizar-se com a cor do «báton» e do pó, e os tons destes, por sua vez, devem estar em harmo-

Salada de Batata

Coze-se uma porção de batata com casca, depois esfria-se em água e descasca-se. Corta-se em pedaços pequenos.

Cortam-se também 2 a 4 cebolas em rodela finas e levam-se ao lume com vinagre, um fio de azeite, sal e pimenta e deixam-se cozer até que as cebolas fiquem vidradas. Esfriam-se, depois vaza-se sobre os bocados de batata, mistura-se tudo muito bem e rectificam-se os temperos de sal e pimenta.

Serve-se a salada de batata com uma variedade de carnes frias, rodela de lulas fritas, sardinhas de conserva, etc.

e sal e deixa-se arrefecer.

Em estando frio, juntam-se-lhe salsa e cebola picadas, farinha de trigo e leite e, podendo ser, um ou dois ovos. Amassa-se tudo de forma que fique uma massa como a de croquetes, boa para fritar.

Em estando nessa consistência, fritam-se às colheres. servem-se sós, com azeitonas, com qualquer salada ou hortaliça cozida.

Zécas

Dois ovos. Peso igual de açúcar, o peso de um ovo de farinha de trigo, corintos, cidrão cortado aos bocadinhos, uma colher, das de doce, de vinho do Porto, e tamaras cortadas às tirinhas.

Bate-se o açúcar com as gemas, as claras batidas em castelo. Vão para o forno

lavar com água quente adicionada de uma pitada de borato de soda. Durante 8 dias seguidos maçar ligeiramente à noite com:

Borato de soda, 20 grs. tintura de capsicum, 20 gotas; lanolina e vaselina, 5 grs. de cada.

— Aplicações de chá de

ce, em parte, esse defeito, usando durante a noite uma ligadura de tecido elástico.

MARCAS DE VARÍOLA

As cicatrizes provocadas pela varíola devem ser, como todas as cicatrizes, tratadas a tempo.

Para as prevenir conse-

vidos pela pele.

Nunca colocar uma segunda camada de creme sobre a primeira.

O pó-de-arroz aplica-se com uma borla de arminho ou um pouco de algodão em rama.

O excesso retira-se por meio de uma escova macia.

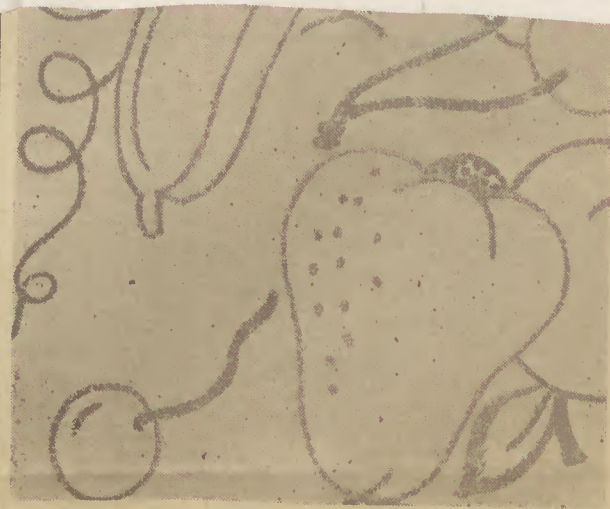
O sombreado das faces deve ser feito conforme as linhas do rosto, de maneira a disfarçar as imperfeições de forma.

OS OLHOS

Os papos sob os olhos podem ter por origem a fadiga, a albumina ou certas enfermidades do coração.

Se a causa é a fadiga, algumas horas de repouso, em posição horizontal, às escuras, com compressas de água fervida, fria, sobre os olhos, é o bastante para eliminar os efeitos.

No entanto, logo que aparecem os inestéticos



B
R
E
M
E
S
A

papos, devem-se aplicar compressas de chá de erva escovinha, e maçagens suaves com: água de rosas 15 grs. mel rosado, 10 gr.; tanino, 2 grs.

PESTANAS

Já demos uma a receita para as pestanas ralas. Vamos agora, leitora, dar-lhe algumas receitas para evitar a sua queda.

Vaselina, 20 grs. óleo de rícino, 10 grs. ácido gá-

lico, 60 grs. essência de alfazema, 2 grs. Unte as pestanas à noite.

A sua queda pode ser evitada se todas as noites lhes for aplicada a seguinte mistura: óleo de rícino, 10 grs. extracto fluído de quinino, 1 gr.

Para conservar as pestanas compridas e sedosas lave-as com um pouco de algodão embebido em água fria aromatizada com benjoim.

FEMININO JORNAL
DA MULHER PARA A MULHER

MODA ACTUALIDADES

CINEMA HORÓSCOPO

CONSELHOS CULINÁRIA

REPORTAGENS

REDACÇÃO ADMINISTRAÇÃO E PUBLICIDADE
R.D. JOÃO IV, 904 TEL. 30796 * PORTO

TRIBUNA do CONCELHO

CARTA DE LAGO

***** Aos amigos de perto e de longe *****

Pois, é verdade! Esta é a primeira carta de 1964. Que todos gozem de boa saúde e tenham mais um ano cheio de felicidades são os votos ardentes e sinceros deste vosso amigo.

— Nova Administração —

Com o dia 1 de Janeiro, nova junta começa a girar os negócios da administração civil paroquial. Que Deus ilumine e guie os novos elementos da Junta de Freguesia, pois que o bem comum exige deles bastantes e por vezes dolorosos sacrifícios, com os quais talvez não contassem muito, a quando da campanha eleitoral e, mesmo agora, quando ainda só ouvimos falar de preparativos de festa e adivinhamos sonhos de triunfos... Desejamos sinceramente á nova Junta muitas felicidades nas suas funções em prol do bem comum e também desejamos, para bem da Freguesia e da própria Junta, que esta, em todas as suas actividades oficiais, mais ou menos públicas, tenha sempre em vista, só e unicamente, o bem da freguesia e de todos os seus habitantes, colectiva e particularmente considerados. Exercer vinganças e fazer partidas não fica bem a ninguém. Esperamos poder elogiar, a seu tempo, a nova Junta pelas suas actividades úteis e desinteressadas, sempre marcadas com o selo da sensatez.

— Paz... aos Homens —

Ao anunciar o nascimento de Cristo aos pastores de Belém os anjos cantaram em cântico o «Glória a Deus lá nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade». Sem boa vontade não pode haver entendimento nem paz entre os homens. Mas onde não existe a boa vontade também não há a recta intenção, nem boa consciência. A má vontade, filha da má consciência, onde, portanto, não existe a recta intenção, é a causa das guerras e de todas as desordens. Quem tem boa vontade e recta intenção não tem receio de encontros para se exporem e ouvirem razões em ordem ao bom entendimento. Quem tem boa vontade e recta intenção fala para todos, não tem ódio, ou não deseja mal, a ninguém e tem as contas em dia com todos. Não diz falsidades dos outros nem supõe mal das intenções alheias. Como creio ter boa vontade, recta inten-

ção e boa consciência propus, na carta de 30-11-63, a certo indivíduo um encontro «na presença de várias pessoas de carácter íntegro, que fariam de Juizes, depois de ouvirem as razões de parte a parte». Pelo que vi na carta de Lago, no Maria da Fonte de 15-12-63, o sujeito não quer encontros de cara a cara e malsina as minhas intenções! Tem medo e dialogar comigo, na presença de homens íntegros?!... Então é melhor calar-se!!... Não tem boa vontade...

J. Moreira

O Prisioneiro da Revolução

— (Continuado da 1.ª página) —

a revolução que possa deflagrar, mais dia, menos dia, no imenso Brasil.

A fórmula dá para tudo, autoriza todas as interpretações. Onde quer que os comunistas recorram á violência contra um Governo legitimamente constituído, será, para Krushev, um povo oprimido a manifestar «a sua vontade viril de emancipação» e digno, portanto, de receber da União Soviética (sem prejuízo da doutrina de coexistência pacífica com o capitalismo...) oiro, instrutores, armas, munições. Armas e munições de que hoje as vítimas são os portugueses em Angola e na Guiné, mas já também os norte-americanos no Sul do Vietname. Parece, todavia, que isto, embora se nos afigure que salta aos olhos dos menos atentos, não é ainda perfeitamente compreendido nos Estados Unidos. Pelo menos, não o era, até há muito pouco tempo.

Sê-lo-á agora, depois da franqueza com que Krushev acaba de falar?

Mas podia acaso esperar-se que Krushev agisse de outro modo?

Mesmo que lhe epetecesse desinteressar-se da África negra, e da Formosa, e da Coreia, e do Vietname, e da Hispano-América, e dos países árabes, e do Brasil, e da península indostânica, não o poderia ele fazer sem perigosamente enfraquecer, no plano interno, a sua posição — e sem perder em benefício dos chineses no xadrez do comunismo internacional, outros tantos peões: Krushev, para não se encontrar sozinho, terá de continuar, indefinidamente, prisioneiro da revolução. — ANI

Monografia de Entre-Homem e Cávado

Está concluída esta importante obra que tanto honra o Concelho de Amares.

Obra levada a cargo sem intuítos comerciais, ela é devida ao carinho e sacrifício de alguns Amarenses, sendo de destacar o seu autor Senhor Domingos Manuel da Silva, que a esta obra se devotou com amor e estoicismo, pondo à prova os seus vastos conhecimentos e o seu tacto de investigador.

A Monografia está dividida em 3 volumes, sendo:

I Volume — Monografia de Amares

II » » »

III — Monografia de Terras de Bouro.

O seu custo é de 30\$00 cada volume.

Nenhum Amarense que se prese deve deixar de adquirir esta Obra que nos ensina a nossa história e dos nossos maiores de antanho, poetas, guerreiros e monges e dos seus castelos, santuários e vetustos monumentos, desde os primórdios da Nacionalidade.

Na ONU o Colonialismo aplicado aos Adversários

— (Continuado da 1.ª página) —

destruiu a imagem da União Indiana como Nação pacífica.

«Furiosos, os delegados africanos gritaram aos goeses que se calassem e tentaram eliminar das actas as suas declarações.

«A recusa dos delegados africanos em ouvirem os goeses vem novamente demonstrar a dupla bitola de moralidade existente quando se trata de povos governados por outros contra a sua vontade».

A falta de carreiras

e a inércia da Direcção Geral dos Transp. Terrestres

— (Continuado da 1.ª página) —

boa chafage, se deliciam. Quando teremos novamente carreiras?

É uma pergunta que desejávamos ver respondida pela Direcção Geral dos Transportes Terrestres, pelo menos para o povo saber.

À Ex.ªma Camara pedimos as providências necessárias que o caso requiere.

Paulo Macedo

CAIXA DE CRÉDITO AGRÍCOLA MÚTUO DE AMARES

Como determinam os Estatutos, a Caixa de Crédito Agrícola Mútuo de Amares convoca a Assembleia Geral ordinária para o dia 17 do corrente mês de Janeiro, pelas 14 horas, na sua Sede, no largo do Dr. Oliveira Salazar, desta Vila, sendo a ordem do dia:

1.º — *Discutir e votar o Balanço, as conclusões do Relatório da Direcção e o parecer do Conselho Fiscal.*

2.º — *Julgar os Actos da Administração.*

3.º — *Fixar ordenados*

4.º — *Eleger os Corpos Gerentes. (Mesa da Assembleia Geral e Conselho Fiscal).*

Não se reunindo a maioria dos sócios para realização da referida Assembleia, fica esta adiada para igual hora do dia 24 do mesmo mês, procedendo-se então válidamente com qualquer número de sócios presentes ou representados.

A escrituração e os documentos relativos às operações sociais estão patentes ao exame dos sócios.

Amares, 2 de Janeiro de 1964.

O Presidente da Assembleia Geral,
Adão Arantes Russel

Terras de Bouro no Espírito de Manuel A. Barreto Marques

— (Continuado da 4.ª página) —

E onde se pode encontrar, igualmente, a mulher — aquela perfeita, completa e digna dona de casa — que saiba desempenhar-se de tudo quanto compete saber a uma mulher que tem de orientar e administrar uma vida doméstica?

Ai se as nossas santas Avós cá pudessem voltar!!!...

A que extensíssima distância nós nos encontramos — humanamente — da perfeição, da ansiedade do belo!... Coire-se, vertiginosamente para a completa... ruína.

Porque o tempo... tudo levou... e os Valores Regionais... abandonaram-se!...

Associação Humanitária dos B. V. de AMARES ASSEMBLEIA GERAL

Aviso Convocatório

Nos termos e para os efeitos do que determinam os seus Estatutos é convocada a Assembleia Geral, ordinária da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Amares, para o próximo dia 19 de Janeiro, pelas 10 horas na sua Sede, à Rua Sá de Miranda desta Vila, sendo a ordem do dia:

1.º — *Discussão, votação e aprovação do Relatório e Contas apresentado pela Direcção;*

2.º — *Eleição dos Corpos Gerentes para o triénio de 1964/66;*

3.º — *Outros assuntos de interesse para a Associação.*

Não se reunindo à hora designada a maioria dos sócios, fica esta adiada para as 11 horas do mesmo dia, procedendo-se então válidamente, com qualquer número de sócios.

Amares, 4 de Janeiro de 1964.

O Presidente da Assembleia Geral,
Mário António Ramos de Azevedo

Condições de Assinatura

Continente

Ano	50\$00
Semestre	25\$00

Ilhas

Avião — ano	50\$00
Semestre	25\$00
Barco — ano	60\$00
Semestre	30\$00

Brasil

Avião — ano	180\$00
Semestre	90\$00
Barco — ano	80\$00
Semestre	40\$00

Estrangeiro

Avião — ano	180\$00
Semestre	90\$00
Barco — ano	80\$00
Semestre	40\$00

Leia, Assine
Publique na
«Tribuna Livre»

Deseja trabalhos tipográficos com rapidez e perfeição?

**DIRIJA-SE À
A MODELAR**

Telefone 62113

Amares

Terras do Bouro no espírito de Manuel A. Barreto Marques

Valores Regionais que se abandonaram:

Nós somos daqueles velhos tempos em que, por toda a parte, existiam Homens de veneranda respeitabilidade, homens bons, católicos fervorosos, e seguros conselheiros, (principalmente para as classes juvenis), a quem o prolongamento dos anos e a prática da vida e das virtudes forneciam matéria e energia á tonalidade das suas palavras, as quais, sem dúvida alguma, eram escutadas com respeito, atenção, agrado e... (pode muito claramente afirmar-se), eram luzes excelentes e de alto valor moral e social.

Durante a semana, a humilde e laboriosa gente rural, empregava todo o seu tempo, todas as suas actividades e toda a sua vida e esforços no amanho das terras, com o fim de arrancar delas os mais abundantes e preciosos frutos, naquela lida do dia-a-dia, saindo de casa com as estrelas; entrando em casa, noite dentro, com o lume da Lua; e assim passavam uma vida trabalhando, cantando e rezando.

Gente humilde, sim; mas, em contrapartida, gente de uma Fé pura, viva e fervorosa, a quem a alegria nunca faltou, porque o trabalho rural era sempre acompanhado pelas heróicas virtudes da sua sagrada Fé:

Trabalhar Cantando e Rezando!

Chegado o Domingo (ou qualquer outro dia santo), a principal preocupação da gente rural era, manhã cedo, correr para a Igreja, a dar cumprimento ao preceito de assistir á Missa e demais actos do culto, rendendo fervorosas graças ao Criador, pelos inúmeros benefícios recebidos durante a semana. E muitas pessoas, homens e mulheres, aquebradas e carcomidas, vergando e cambaleando pelo peso dos anos e pelo excesso de trabalho, agarradas ao defumado cajado, lá iam, caminho além, subindo encontros, descendo ladeiras, embora com incomparável custo e sacrifício, dar cumprimento ao seu dever de católicos.

Acabadas as cerimónias religiosas, os venerandos anciãos, da freguesia, procuravam sentar-se ao longo da parede do adro, falando de tudo: — das suas juventudes, dos frutos, das colheitas, dos tempos, etc.; dando conselhos expondo opiniões, falando das crises e das abundâncias da época agrícola daqueles tempos passados, etc. etc. Ali se discutiam e

combinavam os interesses da Freguesia e suas resoluções a seguir. E nós, as crianças e toda a juventude, sentíamos-nos satisfeitos e éramos atenciosos, porque os nossos saudosos Pais não cessavam de recomendar:

Amai e respeitai a decrépita Velhice...

Naqueles saudosos tempos, a Freguesia era uma verdadeira e sólida União Familiar, tão afectuosa ou mais, do que as nossas Famílias do século em que vivemos. Os seus anciãos eram valores de transcendente veneração e suma importância dentro da sua Freguesia ou Região. E então, todos o Domingos, como dizia, a palestra dessas pessoas e nossos lugares tinham grande animação e valor, e dispunham bem todas as pessoas, principalmente aquelas mais tenras e menos experientes da vida, com os seus multiplices enganos.

Com o decorrer vertiginoso dos anos, os anciãos foram desaparecendo, uns após outros; os costumes foram tomando rumo diferente; os laços de sincera fraternidade dissiparam-se, como núvens pelos espaços infinitos e... a verdade também é que, as Famílias começaram a degenerar... a corromper-se...

Mas... diante... continuemos antes a deleitar o nosso espírito, recordando os bons tempos da nossa juventude:

Recordar é Viver!...

Naqueles tempos, por toda a parte e de toda a parte chegavam aos nossos ouvidos aqueles angelicais e melódicos cânticos que as frescas e encantadoras moçoilas faziam vibrar, horizontes em fora, como sereias encantadas, transmitindo ao longe toda a alegria e felicidade e, geralmente, toda a pureza das suas cândidas almas, bem manifesta na doçura e afabilidade de seus cânticos, onde não se notava o mínimo de malícia.

A aldeia daqueles tempos... era um símbolo do Paraíso. E então, quando surgiam as segadas de centeio ou as sachadas dos milhos, nelas se formavam os harmoniosos e deleitantes coros — autênticos orfeões!... — e, a dada altura, quando a soalheira mais apertava, escolhia-se uma boa sombra, para lá se exhibir, mais comodamente, os cânticos mais apropriados para as «falsetes», e para os «desencontros» das vozes (exclusivo do velho folclore da nossa Região). Em princípio, baixinho... (oh! moças... cuidado!... procurai acertar ás vezes — recomendavam as pessoas mais idosas) — como que ensaiando...

depois... (oh! armónio incomparável!... que parecia deixar extasiada toda a gente daquelas redondezas!... E o S. João das «Carvalheiras» era sempre o predominante cântico a executar todo o reportório, retomava-se o trabalho com coragem, alegria e entusiasmo, recuperando-se o pouco tempo que se havia perdido, á sombra, cantando.

Pois meus caros leitores e apreciadores da «TRIBUNA LIVRE»:

Que os entendidos queiram, quer não queiram, a verdade é que, era aqui que existia e se fundava sólidamente o impoluto e lídimo Folclore Português.

Essa inspiração divina, saída da Terra!... inspirada na Terra!... exibida na Terra!... vivida na Terra!... tão pura, tão alegre, tão encantadora!... como os virginais frutos, resultantes daqueles rudes trabalhos campinos!... E essas serviçadas parecia oferecerem a algria e animação de sobejo para que todo o Povo Agrícola se mostrasse satisfeito com a pesada lida do campo; e até chegava a parecer nos que a tristeza não conseguia alojamento nos corações da gente rural...

Eram os arreigados e puros usos e costumes, aos quais se juntavam, em harmoniosa combinação, os característicos trajes regionais, hoje tão levemente postos quase fora do uso!... (Que cegueira, que loucura, a do nosso povo actual!...).

Em qualquer parte se distinguia a Pessoa (ou melhor, a Região a que pertencia), só pelo seu traje; e isso — embora a alguém possa parecer que não — representava uma grande honra e era um altíssimo e devotado símbolo para o Povo de uma Região.

E foi desses ancestrais símbolos que resultou a formação dos célebres Grupos Folclóricos, hoje tanto em voga por toda a parte, tão falados, apreciados e admirados... mas que, regra geral, pouco ou nada dizem do regional e do verdadeiro!... porque, geralmente, não são os característicos usos e costumes amados e vividos pelos nossos Avós, na nossa Região, que hoje os orienta, que os anima, que lhes aquece a alma... que dá vida e harmonia ás suas... falsas exhibições!... mas sim, hoje em dia, é a rádio e o mundo exterior!... com todos os seus infrenes, deletérios e pecaminosos usos e costumes, que só servem para degenerar e corromper os inocentes!...

Folclóre genuinamente Regional e Português;

Parece ter-se abandonado, pôs-se de parte... desprezou-se!...

Nós somos daqueles velhos tempos... em que os usos e os costumes da Região eram como que relíquias sagradas, símbolos duma Raça, amados e respeitados fervorosamente!...

E foi á face destes nobres sentimentos, e guiados por estes refulgentes reflexos de amor á Região, que nasceu o nosso primeiro Grupo ou Rancho Folclórico de Terras do Bouro — primeiro no Concelho e talvez no Distrito e... primeiro na sua qualidade e valor... porque foi ele o primeiro a ser publicamente premiado, em Braga, de entre todos os demais que, juntamente com nós, se exibiram naquela ocasião.

Foi em 1935 (que belos tempos!...), quando o nosso Concelho era governado superiormente por um Homem de altas qualidades políticas e administrativas, de preclara simpatia popular, (amado e estimado por toda a gente), de manifesto interesse e amor pelo bem comum da nossa Terra, (alta personagem de atraentes encantos, maneiras e afectuosos tratos para com o Povo), cuja memória ainda hoje é recordada com saudades e veneração — era o Ex.^{mo} Sr. Dr. João Baptista Alves da Costa que, apesar de não ser filho do nosso Concelho, soube amá-lo e a ele se dedicou com tanto fervor, como até hoje ainda não apareceu quem o ultrapassasse ou igualasse.

Pois foi á sombra da sua devotada protecção e da sua simpática animação, que nós ensaiamos o primeiro Rancho Folclórico e que apresentamos em público, nas Festas Sanjoaninas, em Braga, naquele ano (1935), onde sobressaiu o célebre Casamento de Gerês, como veio então publicado no Cruzeiro Brasileiro (Revista) — tão atraente e apreciado ele foi, que mereceu 500\$ de prémio. E os nossos cânticos eram tão regionais, completos, harmoniosos e difíceis, de executar que chegaram a deslumbrar alguns Maestros, dos mais competentes no género, e que se deslocaram de Lisboa, com o fim de apreciar e proceder á cópia das músicas, não cessando de admirar esse nosso incomparável Valor Regional.

Mas... o tempo foi passando; os componentes do Rancho foram-se dispersando: uns porque se ausentaram da Região; outros porque se casaram (e ainda bem que não faleceu nenhum!); as autoridades locais nunca mais mostraram o mínimo de interesse, que pudesse animar e dar vida e continuidade ao Rancho Folclórico e que, com manifesta simpatia e dedicação, lhe prestasse o devido e merecido auxílio, e que deviam considerá-lo um dos principais valores simbólicos e característicos

do nosso Concelho. Valores que o mundo exterior soube apreciar e exaltar com admiração e simpatia.

E tanto é verdade que, como disse, na Revista Brasileira, o «CRUZEIRO», veio publicada a fotografia do nosso Rancho, acompanhada duma extensiva e refulgente legenda, que muito honrou e enalteceu a nossa Região, e que, por esse meio, levou o nome, os trajes, os costumes e todo o seu valor característico e regional a longinquas terras que, certamente, até àquela publicação, desconheciam a sua existência. Logo, o Rancho serviu de meio de verdadeira e expansiva propaganda, e deu conhecimento ao mundo exterior, duma terra quase desconhecida.

Deixá-lo acabar, foi um símbolo e característico Valor Regional e cultural que desapareceu.

E, porque assim penso, e porque é com profunda saudade que eu recorro a sua existência, o seu valor artístico, característico, cultural e regional, pretendia juntar (para maiores saudades!) mais a perda de outro valor regional, em igualdade de circunstâncias atirado para... o rol do esquecimento.

Quero referir-me ao Grupo Cénico, que existiu na minha freguesia da Ribeira, e que tantos benefícios prestou àquela freguesia, contribuindo para que nela se realizassem melhoramentos de grande vulto e, principalmente, tanto contribuiu para a larga expansão cultural daquele meio rural. E nunca será demasiado ou erróneo afirmar-se que, tanto um grupo folclórico como um grupo cénico, são sempre valores regionais de extraordinária importância cultural — importância que gera atracção pessoal, harmonia, concórdia, familiaridade e afabilidade entre os Povos. Deixá-los acabar é contribuir para a perda de grandes valores regionais, propagando a melancolia rural.

Hoje a vida agrícola está indiscutivelmente em crassa crise, ruína e miséria. A alegria dos Campos desapareceu; as vibrantes e melódicas vozes, saídas dos peitos virginais das frescas e rubras «moçoilas», sumiram-se; e, por toda a parte, paira sobre a Terra uma atmosfera mórbida e lúgubre... e a tristeza parece extensiva a todo o trabalho agrícola... e a suavidade dos cânticos populares... jamais se ouviu!... A vida agrícola decorre envolta num horóscopo de muito mau agouro... e a modernização é cada vez mais espinhosa e sombria, comparada com a vida da nossa antepassada e saudosa juventude!... O amor e a dedicação pela vida do Campo... deixou de figurar nos meios rurais.

E hoje, onde se encontra um homem que saiba executar, com esmero e perfeição, qualquer trabalho agrícola?

(Continua na 3.ª página)

S. Paio de Seramil

Mas o «mestre» tinha razão em insistir naqueles trabalhos, quanto era certo que sabia o que essas escrituras representavam de interesse para o lavrador, quando se suscitavam dúvidas á cerca de partinhas de água ou de terrenos aforados pelos antigos frades de Bouro.

Era uma aula de «Diplomática» — conhecimento de documentos antigos — ministrada ao aluno das primeiras letras, mas que, a poder da insistência do mestre, estes acabavam por familiarizar-se com aquelas caligrafias que muitos alunos de cursos superiores teriam dificuldade de decifrar.

O mestre de Barreiros tinha as suas razões. As casas dos melhores lavradores guardavam ainda pelos escaninhos das suas velhas arcas de castanho, denegrido pelo tempo, desses velhos manuscritos que eram títulos de propriedade de terrenos, águas e serventias. Neles quase sempre a intervenção do dom abade e monges do convento de Bouro, pela jurisdição que exerciam nas terras do seu couto.

Documentos valiosos e únicos, que nunca mais se repetem a pragmática que os originou, o sistema da vida social em que foram concebidos, durante séculos que ás ordens monásticas era inerente o poder temporal.

Estimem-nos bem os que têm ainda a sorte de os possuir, esses repositórios de nomes e venerandas tradições, de costumes que fizeram mais felizes as gerações passadas que as que nasceram á sombra de um liberalismo promotor, mas afinal inquietante, no acordar do encandeamento de sucessivos problemas que se deparam ás gerações presentes e futuras.

O mestre de Barreiros era bem intencionado no seu método de ensino. Sabia muito bem que do desconhecimento, sonogação ou desaparecimento dessas sentenças ou *ratas* sobrevinham muitas discórdias e litígios entre vizinhos, na discussão ou dúvida de posse de prerrogativas de muitos casais cujas garantias se encontravam no conteúdo dessas extensas escrituras, de folhas amareladas e sujas das mãos calejadas e endurecidas pelo amanho da terra.

Era custosa e violenta a aprendizagem daquela leitura, sob a pressão da palmatória que andava de mão em mão na descarga de bolos, mas era melhor inteirar assim cada uma das crianças que ficavam a conhecer de cor o teor desses papeis velhos, que sujeitarem-se, quando fossem homens, a questões e litígios que custariam mais caro.

Poucos ou nenhuns de seus discípulos compreenderam

mente, todas as dúvidas.

Não há episódios de embelezamento; não há episódios de pura mitologia. Camões é o poeta que conseguiu realizar o milagre de transformar as realidades em poesia pura e num grau muito elevado. Para isto serviu-se dum conjunto de símbolos de incalculável valor e de singular beleza. É isto de tal forma assim que podemos considerar o nosso Trinca-Fortes como o maior e mais expressivo simbolista de toda a Humanidade.

A obra de Reis Brasil entra no estudo integral de todos esses símbolos, fazendo ver a sua interpretação sob o ponto de vista de realidades da vida nacional, de realidades de humanismo, de realidades do mar e dos seus fenómenos, de realidades da própria vida do épico em face dos grandes problemas do Homem através das mais duras vicissitudes da existência.

as intenções do mestre de Barreiros, mas, como nenhuma boa acção e intenção devem ficar apagadas do conhecimento geral foi aqui ensejo de recordar o mestre de Barreiros, de que hoje certamente pouca gente se lembrará.

Em casa de meus antepassados havia, segundo me consta, um cesto destes papeis velhos. Um dia, certo meu avô lançou-os todos na lareira, em hora de desvairo e não sei que movido de interesses.

Os que escaparam a esse auto de fé vieram-me ás mãos, não há muito tempo, e guardo-os religiosamente, catalogados por datas e assuntos de que tratam.

Por isso, a interpretação de Reis Brasil é inteiramente nova. É a primeira vez que, em perto de quatrocentos anos de camonianismo, o poema é visto em todo o seu esplendor, em toda a sua magnificência. Quase pode afirmar-se que a interpretação de Reis Brasil é uma recreação da própria epopeia lusíada.

Ninguém hoje poderá ter ideias sobre o valor da epopeia lusa sem ler, meditar e acompanhar Reis Brasil na sua exposição.

Tudo quanto se fez até hoje não tem ponto de comparação com este estudo criador de Reis Brasil. Inúmeras dificuldades de interpretação geral ficaram definitivamente resolvidas. A própria gramática do épico foi posta em plena evidência, sem ser preciso recorrer a contínuas modificações do texto, como o fizeram grandes camonianistas, estando incluídos entre eles o Doutor

José Maria Rodrigues. A grande maioria dos comentadores do épico evita as dificuldades graves, passando por cima delas sem sequer lhes tocar: Reis Brasil, ao contrário, resolve todas essas dificuldades sem ficar uma única sombra na luz fulgurante da nossa epopeia. As anotações das várias edições de «Os Lusíadas» são deficientíssimas, como se pode ver pelo exame dessas mesmas edições. Algumas delas só merecem acolhimento pelo luxo de apresentação.

Entre a obra de Reis Brasil e quantas até hoje foram publicadas não há possibilidade de ponto de encontro. Esta obra é novidade no sentido pleno da palavra. Quem quiser conhecer Camões, tem de lançar mão desta obra, pois nenhuma outra descobriu o filão de realidades que Reis Brasil nos faz viver e sentir através das páginas desta obra. Os que já tiveram o prazer espiritual de a ler e meditar, escrevem ao autor pedindo a urgente continuação deste trabalho, cuja envergadura é vista através das suas páginas.

«A Modelar»

Executa toda a qualidade de trabalhos tipográficos desde os mais simples aos mais luxuosos.

LENDAS DE PORTUGAL

Uma obra que interessa ao povo português

TEXTO DE GENTIL MARQUES

COM NUMEROSAS ILUSTRAÇÕES A CORES, DENTRO E FORA DO TEXTO, PELOS

Melhores Artistas Portugueses Contemporâneos

Fascículos de 32 páginas, formato 25,5x19,5

O Tescuro disperso das nossas Lendas Tradicionais reunido pela primeira vez, lá encontrará a lenda da sua Terra...

Uma nova edição de EDITORAIL UNIVERSUS

PORTO

Praça do Município, 287-2.º

LISBOA

Praça da Alegria, 58-2.º

UM SENHOR QUE QUERIA A PLANTA...

—» (Continuado da 1.ª página)

oposta à minha. Mas isto não é razão para eu deixar de pensar como penso — nem de sentir como sinto.

Quere dizer: não devemos misturar os homens com as ideias, nem as ideias com os sentimentos. Há quem o faça, e até com frequência, pelo hábito de confundir.

É vulgar ouvir-se, a propósito de críticos:

—«Ele disse mal daqueles versos, mas não era capaz de os fazer melhores.»

—«Ele achou aquele quadro mal pintado, mas não é capaz sequer de pegar numa paleta e num pincel.»

—«Que autoridade tem ele para dizer mal daquele edifício, se ele não era capaz de o fazer?»

Aqui a confusão é doutra natureza: não são já as ideias com os sentimentos, mas a capacidade de realização com o critério de apreciação da obra feita. Também está errado. Se fôssemos a aceitá-la, nenhum de nós teria autoridade para dizer «estes ovos estrelados não estão bons», porque o cozinheiro saltaria logo a perguntar-nos:

—«O senhor sabe estrear ovos?»

E também não poderíamos dizer ao alfaiate «este casaco está pingão», porque ele teria o direito de observar:

—«Como são os casacos que V. Ex.ª faz?»

E se eu dissesse que «determinada água era pesada»... Bem, aqui o caso é mais sério, porque em rigor as águas não são feitas pela Companhia das Águas, nem pelas ratas que deram o nome à fonte encerrada há pouco tempo em Lisboa, nem pelas Câmaras Municipais, nem pelos hidrologistas. As águas são feitas pela natureza e essa, como é sábia, não tomara atitudes de ofendida.

Ora bem: o senhor que me escreveu julga o tipo de casa que aconselhei igual à que eu com certeza habito. Não sei se o meu correspondente é rico ou é pobre: de qualquer maneira, é cruel para a maioria das pessoas que não tem senão o suficiente para viver em casas arrendadas, em casas construídas, portanto, ao gosto dos proprietários. É cruel, porque não dá a essa maioria (à qual eu pertença, porque sou um simples proletário, embora de trabalho intelectual) o direito de ter ideias sobre problemas de ordem geral, como são «a alma das casas, a alma das casas e a alma da família, a casa e o meio geográfico, a casa e a paisagem.»

E vamos lá outra vez às casas portuguesas. O que eu disse foi que havia nas diferentes regiões do país tipos de edificações e de habitação, que importava respeitar nas suas linhas fundamentais, que a experiência, aliás, demonstrou serem as que melhor se ajustam ao condicionalismo

local. Não falei em planta tipo português — porque há vários tipos portugueses, desde as casas de paredes de xisto não rebocadas, de balcão e cobertura de lousa preta, como ainda existem nalgumas aldeias serranas do Norte, até às casas, branquinhas, que parem amontoados de cubos, de certas povoações do Algarve.

Haverá quem não distinga uma casa portuguesa, de qualquer das províncias, com tipos de edificações estrangeiras? Custa-me a crer. A não ser que suceda como naquela adivinha que se apresentava dantes às crianças:

—Olha lá: tu sabes qual é a diferença entre uma escova de dentes e um elefante?

A criança pensava e normalmente desistia.

—Ah, não sabes? Então se eu te mandar ali à loja comprar uma escova de dentes e o droguista te der um elefante tu não dás pela diferença e trazes o elefante para casa?

Não me digam que a história é absurda. Mais absurdo me parece um sujeito não distinguir uma casa portuguesa no meio de edificações estranhas.

Há cerca de dois anos, o Sindicato Nacional dos Arquitectos publicou, em volumoso trabalho, o resultado de um inquérito a que procedeu em todo o território do continente metropolitano, com subsídio do Ministério das Obras Públicas, sobre Arquitectura Popular em Portugal. É um trabalho que o meu correspondente poderia consultar, antes de se decidir a fazer a sua casa. Ficaria a ter uma ideia sobre o assunto e ganharia o suficiente, pelo menos, para não exigir, sem mais aquelas: — «Diga lá como é a casa portuguesa!»

É claro que não encontrará nos dois grandes volumes da obra a planta, que só um arquitecto poderá dar-lha per-

feitamente adequada à residência que pretende. E muito menos encontrará a tal casa tipo portuguesa, precisamente pelas diferenças profundas entre os nossos agregados rústicos. Diferenças entre os agregados — que haverá de comum entre um «povo» beirão ou transmontano e um «monte» do Alentejo, ou uma aldeia do Algarve? — e diferenças, como já disse, entre as unidades habitacionais. Isto não significa a inexistência de algo de comum, como se acentua no prefácio do livro: «certas constantes, de subtil distinção por vezes, mas reais. Não dizem respeito a uma unidade de tipos, de feições ou de elementos arquitectónicos, mas a qualquer coisa do carácter da nossa gente, revelada nos edifícios que constrói».

O sr. correspondente queria construir uma casa «tipo americano». E aí é que está mal: andarmos sempre a procurar imitar as modas (não os progressos, mas as modas) lá de fora, em vez de procurarmos dentro de nós, da nossa maneira de ser, da linha progressiva da nossa tradição, as casas que realmente nos servem, que estão de acordo com o nosso feitio, com as necessidades do nosso clima e com a estrutura da nossa paisagem.

Os burgueses do século passado estragaram terras lindas com incíveis «chalets» suíços. Não lhes sigamos as pisadas. Em vez de macaquear os outros, procurando construir uma casa tipo americano, ou tipo suíço, ou tipo russo — o sr. correspondente faça uma casa portuguesa. Não ajude a despersonalizar a sua terra, a tirar-lhe o carácter e a beleza que a distinguem das outras. Não imite. Não faça cópias dos outros. Chame um arquitecto português.

TODOS PODEMOS

ser ricos

Há quem suponha que a riqueza, a autêntica, a verdadeira riqueza, se encontra apenas em casa das pessoas que possuem muito dinheiro, palácios, quintas, jóias, caras mobílias, grandes colecções de fatos, etc..

Sem desprezar o valor do dinheiro como elemento de grande importância no progresso social, não devemos contudo admitir que ele se transforme num tirano e nos amargure a existência. Há um meio termo entre dois extremos da miséria e do luxo — é a sabedoria do equilíbrio que permita uma existência decente, embora modesta e simples. As melhores refeições nem sempre são as mais caras, e, de resto, os próprios elementos fundamentais da vida são-nos dados de graça. O sol não custa dinheiro e o ar está à disposição de todos. A água vem-nos das alturas celestes e se a maioria dos homens não estivesse intoxicada com excessivas preocupações materiais, logo

veria que a saúde é, afinal, aquela grande e autêntica riqueza a que nos queríamos referir no início desta crónica.

A conservação da saúde deveria ser, enfim, a preocupação constante de todos nós. Ora sabe-se que o seu maior inimigo são os excessos de toda a Natureza, a começar pelos do trabalho e a terminar nos do prazer. O método, a calma, a ordem a disciplina das atitudes e dos movimentos são grandes remédios para grandes males, não há mal maior do que a perda da saúde. O dinheiro perdido pode recuperar-se; a casa arruinada pode re-construir-se; o fato velho pode até remendar-se, mas aí daquele — pobre ou rico — que tiver delapidado a grande fortuna da saúde. Propaguemos, pois, por toda a parte, esta verdade elementar: — a saúde é o supremo bem e a única, a autêntica riqueza do Homem!

BOLETIM DE ASSINATURA

Queiram considerar-me assinante da obra «LENDAS DE PORTUGAL», enviando-me:

- * Um fascículo por mês, ao preço de VINTE ESCUDOS
- * Dois fascículos por mês, ao preço de TRINTA E SETE ESCUDOS E CINQUENTA CENTAVOS
- * Séries de seis fascículos, ao preço de CENTO E DEZ ESCUDOS
- * Séries de doze fascículos, ao preço de DUZENTOS E VINTE ESCUDOS.

(Riscar o que não interessa)

Nome _____

Morada _____

(Escrever de forma bem legível)

VENDE-SE
PROPRIEDADE COM ÁGUA
PERTO DA VILA DE AMARES
Informa esta Redação



RELOJOARIA
MAURÍCIO
QUEIROZ

CASA FUNDADA EM 1903

Oficina completa de reparações de relógios de todo o género

completo sortido de relógios das melhores marcas

R. D. Frei Caetano Brandão Telef. 22526 BRAGA



AO PREFERIR

«JORNAL FEMININO»

Prefere a revista mais portuguesa de Portugal.

Gosta de estar actualizada em moda, culinária, cinema, literatura, crochet, tricôt, maquillage, decoração e tantas outras coisas que a mulher deve saber?

Então, compre de quinze em quinze dias «JORNAL FEMININO» — Da mulher para a mulher. Sai aos dias 1 e 15 de cada mês. Envie a foto do seu bebé para a Galeria Infantil desta revista. Horóscopo, concursos, reportagens, entrevistas «JORNAL FEMININO» companhia amiga, leal e sincera.

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E PUBLICIDADE:
TELEF. 30796 Rua D. João IV 904 PORTO

Visado pela C. de Censura